

A IMAGINAÇÃO APOCALÍPTICA.
UMA INTRODUÇÃO À LITERATURA
APOCALÍPTICA JUDAICA.
São Paulo: Paulus, 2010. COLLINS, John J.

Kenner Roger Cazotto Terra

O texto *The Apocalipytic Imagination*, traduzido no ano passado como *A Imaginação Apocalíptica*, pode ser considerado um clássico entre os estudos da apocalíptica judaica. A edição usada para a versão em língua portuguesa é da Eerdmans (2ª ed.), por isso o capítulo sobre Qumran é bem maior do que o da primeira edição. Como diz Collins, a pesquisa a respeito dos achados de Qumran, a partir de 1991, recebeu novos ares com a disponibilização completa do seu *corpus* literário. Para quem leu a primeira edição, publicada pela editora Crossroad, em 1984, como eu, rapidamente percebe a diferença na última parte da tradução feita pela Paulus, pois deixa de ser um epílogo para tornar-se um capítulo com mais informações sobre a relação do imaginário da apocalíptica judaica com os Cristianismos das origens.

Tendo visitado São Paulo há alguns anos a convite do grupo Oracula¹ e sendo digno de todas as honrarias, o autor deste importante livro, professor John J. Collins, ainda não é muito conhecido em nossas terras. O pesquisador irlandês foi professor de Bíblia Hebraica da Universidade de Chicago e, atualmente, é professor na *Yale Divinity School*. Além de seu famoso comentário ao livro de Daniel, na série *Herme-neia*, o texto que será resenhado, *The Apocalyptic Imagination*, estão também na lista de seus livros “The Scepter and the Star: The Messiahs of Apocalypticism in the Dead Sea Scrolls” e “Jewish Wisdom in the Hellenistic Age e Between Athens and Jerusalem: Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora”. Entre os mais recentes, estão “Introduction to the Hebrew Bible with CD-ROM”, “Does the Bible Justify Violence?”,

¹ O *paper* apresentado no encontro foi disponibilizado no site do grupo Oracula: www.oracula.com.br

“Jewish Cult and Hellenistic Culture”, “Encounters with Biblical Theology” e “The Bible after Babel: Historical Criticism in a Post-modern Age”. Collins é coeditor dos três volumes da *Encyclopedia of Apocalypticism* e participa da edição dos Manuscritos de Mar Morto. É editor da série de monografias da editora E. J. Brill intitulada *Journal for the Study of Judaism Supplements*, *Journal Dead Sea Discoveries*, *Journal of Biblical Literature*, presidente da *Catholic Biblical Association* e da *Society of Biblical Literature*.

Em *Imaginação Apocalíptica*, Collins perpassa todo o corpus literário da apocalíptica judaica. Por isso, o texto pode ser tratado como uma importante introdução a esse complexo mundo literário. Utilizando-se do método das religiões comparadas, ele mostra a formação do pensamento da apocalíptica judaica em diálogo com outras religiões do mundo Antigo, tornando o livro riquíssimo.

Na primeira parte, Collins apresenta a história da pesquisa a respeito da apocalíptica judaica. Desta forma, insere o leitor no desenvolvimento da discussão. Seu objetivo nesta parte é apresentar conceitos que servirão para análise dos textos apocalípticos. Partindo dos resultados do Projeto de Gênero da *Society of Biblical Literature*, Collins traça algumas características formais do gênero apocalipse, a natureza de sua linguagem, a questão do contexto e a função desse tipo de texto. Collins divide o gênero apocalipse em dois tipos: *jornada celestial* (Apocalipse de Sofonias, Testamento de Abraão, 3 Baruc etc.) e *apocalipses históricos* (Daniel, 4 Esdras, Jubileus etc.). Aquele é marcado por viagens sobrenaturais com maior interesse em especulações cosmológicas, enquanto este é caracterizado pela revisão da história. Na formação do gênero, o autor deixa claro que há uma combinação distintiva de elementos, os quais se encontram também em outras obras (pp. 32-33). Por isso, neste ponto, Collins gasta um bom tempo para apresentar a matriz dessa literatura, a qual se encontra na literatura profética israelita, como bem defendeu Paul Hanson, mas não se esgota nela. O autor irlandês mostra como a cultura babilônica, persa e helênica também contribuíram para o surgimento e construção do imaginário religioso dos textos apocalípticos. No entanto, Collins é sensato ao afirmar a autonomia e criatividade na formação dos textos, mesmo que tenham bebido de outras fontes (p. 44). Por isso, o novo produto é mais do que uma soma de fontes.

Após essa esclarecedora introdução, Collins apresenta a vasta literatura apocalíptica do judaísmo. Ele começa pela tradição de Enoque, uma obra compósita, formada por cinco livros, e muito importante para a formação das teologias dos Judaísmos antigos. Ele apresenta o pentateuco enoquita separadamente – guardando para o final do seu texto o livro das Similitudes de Enoque (ou Parábolas de Enoque) –, não deixando de discutir a hipótese de um movimento ou grupo pressuposto por essa literatura. No mesmo capítulo, o autor produziu um apêndice, no qual apresenta o livro de Jubileus, que para ele foi concebido em um estágio pré-Qumrânico, assunto que discutirá na obra.

Depois ele apresenta o livro de Daniel, aproximando-o à literatura do Mundo Antigo, especialmente à literatura persa. A exposição ao livro de Daniel precede o capítulo no qual Collins expõe criticamente dois gêneros: Oráculo e Testamento. Ele aqui utiliza o mesmo método das religiões comparadas, para expor *Or. Sib. 3*, que está na coleção dos doze livros que compõe os Oráculos Sibilinos judaico-cristãos. Para os Testamentos, que segundo o autor estão intimamente relacionados aos apocalipses, Collins começa apresentando o *Testamento de Moisés* e, a partir daí, descreve os *Testamentos dos Doze Patriarcas*, uma obra compósita de caráter judaico, mas que recebeu formulações cristãs.

Continuando sua obra, e preservando seu caráter formal de introdução a textos, Collins separa um capítulo para apresentar a literatura de Qumran. Para o autor, que segue a linha de muitos outros pesquisadores, os manuscritos de Qumran iluminam as pesquisas a respeito do Judaísmo pós-bíblico e do apocalipticismo judaico. Collins acredita na existência de uma comunidade apocalíptica que vivia em Qumran desde o segundo século a.C, na qual preservou-se, além dos textos produzidos pela própria comunidade, obras apocalípticas clássicas como Daniel, 1 Enoque e Jubileus. Neste capítulo, Collins apresente resumidamente algumas ideias encontradas nos textos de Qumran. Primeiramente, fala-se do conceito de revelação, que são informações sobre a organização, condução e operatividade do cosmos criado por Deus. Outro tema importante nos Manuscritos do Mar Morto é o dualismo, que abrange o nível cósmico, antropológico e social. Collins também mostra a pluralidade de imagens messiânicas em Qumran, expectativa que ressurgiu por

consequência da insatisfação ao reinado hasmoneu. Ligada à esperança do messias, ou messias, há a guerra cósmica entre os filhos da luz contra os filhos das trevas, que liderados por seus respectivos comandantes, travarão a última batalha no fim dos tempos.

Como era de se esperar, Collins separa um capítulo somente para tratar de um dos textos da tradição enoquite, as Similitudes de Enoque, que foi a única parte de 1 Enque não encontrada em Qumran. Por essa e outras razões, data-se a obra no segundo ou terceiro século d.C. Entre algumas questões apresentadas pelo autor, a do *filho do homem* parece ser a mais nevrálgica encontrada no texto. Fugindo da discussão de anterioridade aos evangelhos, Collins simplesmente mostra a existência de especulações judaicas – tornada título messiânico, nos mesmos moldes da imagem notestamentária – que identificava o patriarca Enoque como o filho do homem; talvez seria uma resposta óbvia ao cristianismo, que usou a mesma expressão como título para Jesus.

Nos últimos capítulos, Collins agrupa 4 Esdras, 2 Baruc e o Apocalipse de Abraão, entre os textos judaicos pós-queda do templo, que foram moldados pela catástrofe do ano 70 e que constroem suas teodicéias a partir desse evento. Depois, ele reúne a literatura da diáspora do período romano. Nesse grupo, foram agrupados outros Oráculos Sibílicos (Or. Sib. 5, 1, 2 e 4), que podem ser considerados apocalípticos em sentido lato do termo (p. 344). Entre os apocalipses da diáspora, encontram-se também 2 Enoque, 3 Baruc, Testamento de Abraão, assim como o Apocalipse de Sofonias, do Judaísmo egípcio, que sobreviveu apenas em uma citação de Clemente.

No final da obra, Collins relaciona a apocalíptica judaica com a literatura do Novo Testamento. Nesta parte ele deixa claro que conceitos e ideias tais como Reino de Deus, filho do homem, messias, ressurreição, *parousia*, vida após morte, papel dos anjos e demônios e outros conceitos presentes nos Cristianismos das origens estão intimamente ligados à literatura apocalíptica, se em releituras e aplicações à figura de Jesus, seja também na construção das expectativas escatológicas das comunidades paulinas. Collins é sensato em afirmar que só há um apocalipse no Novo Testamento, o Apocalipse de João, mas tanto os evangelhos sinóticos quanto Paulo, no entanto, são matizados em um grau significativo pela visão apocalíptica de mundo.

Como toda obra introdutória, o texto acaba tornado-se superficial em alguns temas, especialmente no capítulo sobre Qumran e a relação da apocalíptica judaica com os Cristianismos das origens. No entanto, essa tradução ajudará os pesquisadores brasileiros na aproximação aos textos ainda desconhecidos do público em geral e popularizará uma das pesquisas desse importante autor.

MISSÃO, CULTURA E TRANSFORMAÇÃO:
DESAFIOS PARA A PRÁTICA
MISSIONÁRIA COMUNICATIVA.
São Leopoldo: Sinodal, 2011.
OLIVEIRA, David Mesquati.

José Mário Gonçalves

A contribuição do prof. David Oliveira é duplamente bem-vinda: primeiro, por causa da relevância – acadêmica e pastoral – do tema tratado. Segundo, porque o autor, que é ministro da Assembleia de Deus do Brasil, fala de missão a partir não somente de suas reflexões teóricas, mas também do seu engajamento missionário.

O título do livro é explicado na sua introdução. Por “missão” o autor entende o projeto de restauração e reconciliação efetuado por Deus, que envolve não somente o ser humano, como também toda a criação. Tal missão acontece sempre dentro da especificidade de um contexto sociocultural, que o Evangelho visa transformar. O contexto para o qual Oliveira volta a sua atenção é o contexto latino-americano, com suas injustiças e desigualdades, no qual o Evangelho pode atuar de forma “esperançosa e transformadora”.

A proposta do autor é trabalhar os três temas – missão, cultura e transformação – da perspectiva do diálogo, a partir do que ele denomina de “modelo missionário comunicativo”. Para tanto, ele faz uso de dois pontos de referência teóricos: a teoria da ação comunicativa de Habermas e o conceito de pensamento *debole* (fraco) de Vattimo.